

## VARIAÇÃO E COGNIÇÃO: O CASO DAS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS EM E NI NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Lilian Vieira Ferrari\*

*RESUMO:* O artigo enfoca a variação entre as preposições locativas “em” e “ni” no Português do Brasil, argumentando que os fatores que influenciam a escolha entre as variantes têm sua origem em processos cognitivos metafóricos ou metonímicos.

*PALAVRAS-CHAVE:* variação da preposição locativa (em X ni); funções pragmáticas; processos cognitivos.

### INTRODUÇÃO

A preposição *em* pode ser caracterizada como a forma não-marcada para indicar lugar em Português. Assim, quando ouvimos emissões do tipo “O livro está na mesa” ou “O quadro está na parede”, inferimos que o livro está em cima da mesa e que o quadro está na superfície da parede, dado nosso conhecimento pragmático de que estas são as formas mais prováveis de tais objetos estarem nos referidos locais, respectivamente.

Ocorre que é cada vez mais comum na fala espontânea do Português do Brasil o uso da variante *ni*, em variação com a forma *em*. Essa variante, citada em estudos dialetológicos como característica do falar rural (Teixeira 1944), pode ser encontrada hoje nos grandes centros urbanos, tais como Rio de Janeiro e São Paulo, e em várias outras cidades brasileiras (Ferrari, 1994).

Constatada a existência dessa variação, o objetivo deste trabalho é investigar os fatores que a influenciam, admitindo-se que esse tipo de investigação pode contribuir para a compreensão das relações entre língua e cognição.

---

(\*) Universidade Federal de Juiz de Fora.

O trabalho será organizado da seguinte forma: na seção 1, serão apresentadas as principais características sintático-semânticas da preposição *em*. A seção 2 enfocará a variante *ni*, apresentando seus contextos de uso. Na seção 3, a variação *em/ni* será analisada, a fim de caracterizar a existência de um conjunto de funções pragmáticas responsáveis pela escolha da variante *ni*.

## 1. A PREPOSIÇÃO EM

As gramáticas tradicionais apontam dois sentidos principais para a preposição *em*: o de situação e o de movimento. Cunha e Cintra (1986) estabelecem como situação, a “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de”, destacando três dimensões: **espaço** (“Um gato vive um pouco *nas* poltronas”), **tempo** (“Tudo aconteceu *em* 24 horas”) e **noção** (“...afoga-me *em* pesadelo”). O sentido de movimento é definido como “superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de” (p. 556). Nesse caso também, a dimensão pode ser de **espaço** (“Os Garcias entraram *em* casa”) **tempo** (“Nazário visitava-as de quando *em* quando”) ou **noção** (“E a lagoa entrou *em* festa”).

Na verdade, a classificação acima é perfeitamente compatível com os resultados apresentados por estudos sobre a gramaticalização de representações espaciais (Svorou 1992), em que se vem observando que as expressões espaciais costumam ser utilizadas para expressar sentidos mais abstratos, de natureza temporal, qualitativa, emocional, etc., em várias línguas. No livro “Metaphors we live by”, Lakoff e Johnson (1980) apontam a metáfora **TEMPO É ESPAÇO**, atestando sua validade através de exemplos do tipo “Estamos chegando *no* Natal”, “Ele chegou *em* cima da hora”, em que o uso da preposição *em* sinaliza a concepção de tempo como lugar. Por outro lado, a metáfora **PROCESSO É LUGAR** justifica o uso de expressões tais como “Ele entrou *em* depressão”, “O país está

*em crise*”, em que processos emocionais, políticos, etc. também são concebidos como lugares.

Portanto, o que se verifica em Português é que a preposição locativa *em* manifesta uma tendência de abstratização, seguindo o padrão observado em várias outras línguas, a partir da escala: **ESPAÇO** > **TEMPO** > **PROCESSO**, como ilustram os exemplos a seguir:

### **ESPAÇO**

- (1) João estava *em* Madri.
- (2) O navio chegou *em* terra firme ontem.

### **TEMPO**

- (3) Nós estamos *em* outubro.
- (4) Eles virão *no* próximo mês.

### **PROCESSO**

- (5) O paciente está *em* observação.
- (6) Os pássaros partiram *em* revoada.

## **2. A VARIANTE NI**

Diferentemente do que ocorre com a preposição *em*, é escassa a referência à variante *ni* na literatura. O fato de não ser mencionada nas gramáticas tradicionais não surpreende, tendo em vista que a forma *ni* está vinculada a dialetos não-padrão. No entanto, mesmo os estudos dialetológicos da primeira metade do século foram omissos em relação a essa variante (Amaral 1920, Torres 1941, Silva Neto 1941, 1951, 1953). Nascentes (1922) cita a forma casualmente, ao fornecer um exemplo que visava ilustrar o uso do verbo *chamar* (Você me chamou de feio/ eu não sou tão feio assim/ lá em casa tinha um feio/ que pegou feio *ni* mim).

Apenas em Teixeira (1944), há registro do uso de *ni* em cidades goianas. O autor exemplifica com uma cantiga folclórica procedente da cidade de Jaraguá, GO (Eu não vô mais *ni* pagode/ pruíqui não sô interessado).

Mais recentemente, a forma acha-se mencionada em Pontes (1992), sem que se estabeleça uma análise de seus contextos de uso. Em minha tese de doutorado (Ferrari, 1994), comecei a investigar o fenômeno, a partir de dados obtidos na comunidade relativamente isolada do Morro dos Caboclos, na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. Constatei que o uso de *ni* alternava-se com o uso de *em* na fala da maioria dos habitantes da comunidade, observando que aqueles que usavam *ni* não haviam simplesmente substituído a preposição *em* por aquela forma. Tratava-se de um fenômeno de variação lingüística, cuja investigação foi feita a partir do referencial teórico da sociolingüística quantitativa de inspiração laboviana e do funcionalismo lingüístico com base nos trabalhos de Givón (1979, 1983, 1984, 1990), Hopper & Thompson (1980), Prince (1981) e Thompson (1989).

Os dados coletados no Morro dos Caboclos puderam ser reunidos em quatro grupos principais, apresentados a seguir:

### ***I) NI + Sns PRÓPRIOS DE LUGAR***

(7) Quando tem caqui, aí faz mais outra feira lá *ni* Marechal.

(8) Eu queria morar *ni* Leblon.

### ***II) NI + Sns PRÓPRIOS DE PESSOA***

(9) Ele tá lá *ni* Isabel.

(10) Vote *ni* Lula.

### ***III) NI + Sns COMUNES***

(11) Mamãe me levava **ni** médico.

(12) Ela veio aqui **ni** maio.

#### IV) *NI + PRONOMES*

(13) Eu gosto de ver essa roupa **ni** você pra saber como é que fica **ni** mim.

(14) Eu acredito **ni** tudo.

(15) Vai votar **ni** quem?

A análise dos casos ilustrados acima foi feita através do uso do programa computacional VARBRUL, que realizou uma seleção a partir dos seguintes fatores:

- a. tipo semântico do verbo (dinâmicos vs estáticos);
- b. possibilidade de presença de artigo no SN subsequente à preposição;
- c. tipo do SN subsequente à preposição (próprio, locativo, etc.)
- d. tipo de referência estabelecida (+/- precisa);

Os fatores *a* (referente ao verbo) e *b* (de caráter formal) não foram selecionados..

O fator [-preciso], definido como localização imprecisa ou genérica, foi selecionado pelo programa computacional em 1º. lugar. O problema dessa classificação é que ela teve que ser especificada para cada contexto de uso de *ni*, impossibilitando o estabelecimento de um princípio geral que unificasse as diversas tendências encontradas. Além disso, não foi possível estabelecer um critério objetivo de definição do fator, de modo que a análise teve que ser baseada em critérios intuitivos.

O objetivo do presente trabalho é, portanto, focar a variação *em/ni* a partir de um novo referencial teórico – o da Linguística Funcional-Cognitiva (Langacker 1990, 1991, Lakoff 1987, Lakoff & Johnson 1980,

Salomão 1994), sob hipótese de que a variação em questão relaciona-se a processos cognitivos específicos. Antes de passarmos à análise dos dados propriamente ditos, faz-se necessário apresentar os pressupostos teóricos nos quais a análise se baseará. É o que será feito a seguir.

### 3. FUNÇÕES PRAGMÁTICAS

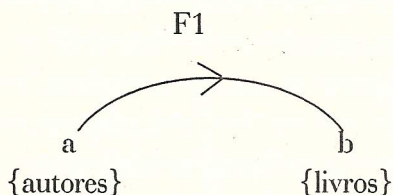
A noção de FUNÇÃO PRAGMÁTICA estabelece que objetos de naturezas diferentes podem ser unidos por razões culturais, psicológicas ou localmente pragmáticas, de modo que se torne possível a referência a um objeto em termos do outro (Nunberg 1978, 1979).

Os exemplos a seguir, adaptados de Fauconnier (1994, p.4), ilustram como uma função pragmática opera:

(1) *Platão* está em cima da estante.

(2) *Os livros de Platão* estão em cima da estante.

Em (1), o nome de uma pessoa identifica um objeto, a coleção de livros. A função pragmática em operação pode ser representada da seguinte forma:

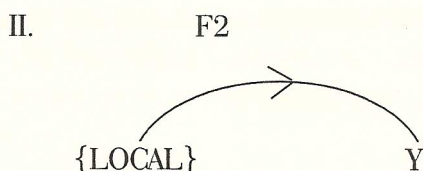
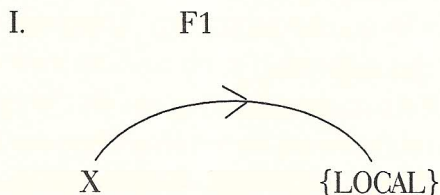


F1 é a função que une autores a livros que contêm seus trabalhos. Nesses casos, {autores} são *desencadeadores* e {livros} são *alvos* da função pragmática.

O princípio geral subjacente a essa função pode ser assim definido:  
*Se dois objetos, "a" e "b", estão unidos por uma função pragmática  $F$  ( $b = F(a)$ ) a descrição de "a" pode ser usada para identificar a sua contraparte b.*

#### 4. MOTIVAÇÕES CONCEPTUAIS PARA O USO DE NI

Nesta seção, pretendo demonstrar que os fatores que motivam a escolha de *ni* podem ser expressos por duas funções pragmáticas básicas, relacionadas ao papel semântico de locativo: na primeira, o locativo funciona como alvo; na segunda o locativo funciona como desencadeador. Os esquemas abaixo representam ambas as funções:



A Função Pragmática I permite que se expresse {LOCAL} por meio de X, sendo que X pode ser:

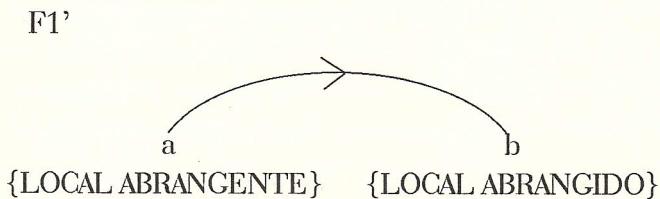
- a. um lugar mais abrangente, no qual se insere o local-alvo;
- b. um pessoa associada ao local-alvo;

A Função Pragmática II permite que se expresse Y por meio de {LOCAL}, sendo que Y é uma atividade social.

A seguir, cada uma dessas funções será discutida.

#### 4.1. LUGAR ABRANGENTE POR LUGAR ABRANGIDO

A função pragmática que relaciona LOCAL ABRANGENTE e LOCAL ABRANGIDO pode ser assim representada:



A função pragmática acima mostra que a referência a um local pode ser feita através de um local abrangente que esteja pragmaticamente ligado ao mesmo. O que é interessante a respeito da escolha de *ni* é que ela sinaliza que uma função pragmática do tipo acima está em operação. Considere os seguintes exemplos:

(16) Vou lá *ni* Minas.

(17) Moro *ni* Campo Grande

Nos exemplos acima, o uso de *ni* ocorre antes de um SN toponímico. O falante escolheu Minas e Campo Grande para se referir ao local aonde irá e ao local onde mora, respectivamente. Na realidade, irá a uma cidade



específica de Minas; da mesma forma não mora em toda região de Campo Grande, mas em um determinado ponto contido nessa região. O processo metonímico que aí ocorre é do tipo “Continente pelo Conteúdo”, que também ocorre em contextos do tipo “Comi um prato de macarrão”. No caso da preposição locativa, esse processo metonímico passa a ser sinalizado pela escolha de *ni*.

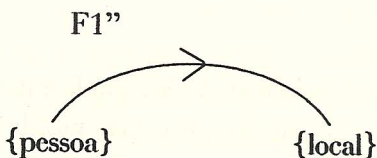
Vale notar que a função pragmática descrita acima pode sofrer ainda uma transposição metafórica, de modo que a metáfora “TEMPO É ESPAÇO” (Lakoff & Johnson) atue como motivação conceptual complementar em casos como o da sentença abaixo:

(18) Ela veio aqui *ni* maio.

Trata-se de uma função pragmática do tipo “Local Abrangente por Local Abrangido” que, transposta metaforicamente, estabelece a função pragmática análoga de sentido temporal: “Tempo Abrangente é Tempo Abrangido”. Na sentença (18) acima, o SN *maio* designa um determinado dia ou um período de tempo transcorrido no mês de maio. Mais uma vez, a escolha de *ni* sinaliza que há uma função pragmática em operação.

#### 4.2. PESSOA POR LOCAL

A função pragmática PESSOA POR LOCAL é também um subtipo da Função Pragmática I. Nesse caso, o desencadeador é um nome próprio ou um nome comum, referentes a uma pessoa, como indica o diagrama abaixo:



Observemos os exemplos abaixo:

(19) Ela tá lá *ni* Lucia.

(20) Mamãe me levava *ni* médico.

Em (19) acima, o sintagma preposicional *ni Lucia* tem como sentido *na casa de Lucia* ou *na casa onde Lucia mora, trabalha ou costuma ficar*. O mesmo ocorre em (20), em que *ni médico* significa *no consultório do médico* ou *no hospital em que o médico trabalha*. Em ambos casos, ocorre uma transferência metonímica em que a pessoa indica o lugar, em função de uma relação de contigüidade entre ambos.

O mesmo tipo de função pragmática pode ocorrer ainda quando o local é uma parte do corpo. Nesses casos, a preposição locativa costuma poder vir seguida de um nome próprio ou de um pronome pessoal, como ilustram os exemplos abaixo:

(21) Vou botar um chapéu *ni* Maria.

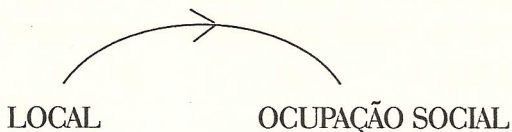
(22) O sapato deu *ni* mim.

Nos casos acima, a relação todo/parte também está presente, já que o SN ou o pronome refere-se ao indivíduo como um todo, e as ações descritas relacionam-se a determinadas partes do corpo (no exemplo 21, cabeça; no exemplo 31, pés).

#### 4.3. LOCAL POR OCUPAÇÃO SOCIAL

A FUNÇÃO PRAGMÁTICA II estabelece uma identidade entre local e ocupação social. Nessa função, ao contrário do que ocorre na FUNÇÃO

PRAGMÁTICA I, o {LOCAL} atua como desencadeador da função, como ilustra a representação abaixo:



Os exemplos relacionados à função acima são os seguintes:

(23) Meu pai trabalha *ni* roça.

(24) As crianças que estão *ni* escola têm que descer o Morro todo dia.

(25) Hoje eu trabalho numa feira. Amanhã já tô *ni* outra feira.

Nos exemplos acima, os sintagmas preposicionais evocam cenas suscitadoras de situações complexas. Na realidade, a referência a locais desencadeia a referência a ocupações sociais a eles relacionadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada utilizou-se do conceito de função pragmática a fim de explicar a escolha de *ni* por falantes de dialetos em que a variação em/ *ni* ocorre. É importante ressaltar, no entanto, que a preposição *em*, quando não está em variação, pode ocorrer em todos os contextos que foram aqui apontados como relevantes para o uso de *ni*. O objetivo do trabalho foi demonstrar que, nos casos de variação, a forma *ni* atua no sistema linguístico provocando um refinamento das relações semântico-

cognitivas estabelecidas pela preposição locativa. Portanto, o que hoje se observa é que nos dialetos que possuem as duas formas, o uso de *em* tende a expressar locativos concretos, enquanto que a forma *ni* sinaliza a abstratização da noção locativa, através da ocorrência de processos metafóricos e/ou metonímicos.

*ABSTRACT: This paper analyses the variation between Brazilian portuguese prepositions em and ni, assuming that this variation specially contributes to the understanding of the relation between language and cognition. It is argued that there is a set of pragmatic functions which explains the choice of ni.*

*KEY WORDS: variation; pragmatic functions; cognitive processes.*

## BIBLIOGRAFIA

- ALL, M.S. (1921). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- \_\_\_\_\_. (1923). *Formação de Palavras e Syntaxe do Português Histórico*. São Paulo, Melhoramentos.
- AMARAL, A. (1920). *O Dialeto Caipira*. São Paulo, Casa Editora O Livro.
- CHIAVEGATTO, V. & FERRARI, L.V. *Motivação Conceptual da Gramática*. In Matruga, UERJ (a sair).
- CUNHA, C. (1983) *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Padrão.
- DIAS, A.E.S. (1917) *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Porto, Imprensa Portuguesa.
- FERRARI, L.V. (1994). *Variação Lingüística e Redes Sociais no Morro dos Caboclos, RJ*. Tese de Doutorado, UFRJ.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago, Chicago University Press.
- \_\_\_\_\_, G. (1993). The Contemporary Theory of Metaphor. In Ortony, a. (ed). *Metaphor and Thought*, 2 ed.

- \_\_\_\_\_ & JOHSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, Chicago University Press.
- GIVÓN, T. (ed). (1979). Syntax and Semantics, vol XII. In *Discourse and Syntax*. New York, Academic Press.
- \_\_\_\_\_ (ed). (1983). *Topic Continuity in Discourse: A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam, Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1984). *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, vol. I. Amsterdam, Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1990). *Syntax: A Functional- Typological Introduction*, vol II. Amsterdam, Benjamins.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. (1980) *Transitivity in Grammar and Discourse*. In *Language*, 56.
- NASCENTES, A. (1922). *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro, Organização Simões.
- PONTES, E.(1992). *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, Pontes.
- PRINCE,E. (1981) *Toward a Taxonomy of Given-New Information*. In Peter Cole (ed)., pp. 223-255.
- SILVA NETO, S.A. (1941). A Língua Portuguesa no Brasil. In *Revista Filológica*, 8. Rio de Janeiro. pp. 14-25.
- \_\_\_\_\_. (1952). *História da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- TEIXEIRA, J.A. (1944). *Estudos de Dialectologia Portuguesa: Linguagem de Goiás*. vol II, Anchie.